

1 Apresentação

No ano de 2012, enquanto realizava as primeiras leituras para minha dissertação de Mestrado, ponderações do pedagogo John Barone chamaram minha atenção para a forma como a escola pública tem sido vista pela sociedade em geral. Traçando um panorama das políticas públicas educacionais norte-americanas, Barone (2008) defende haver, por parte dos governos, um interesse cada vez maior em padronizar o ensino reduzindo a autonomia docente e aumentando a influência da iniciativa privada na escola pública. Para isso, os órgãos responsáveis se valeriam de políticas degenerativas¹ capazes de criar demandas sustentando suas decisões. Nessa perspectiva, o pesquisador identifica como estratégia basilar desses governos a criação e divulgação massiva de narrativas hegemônicas que supostamente caracterizariam e, sendo esse o principal objetivo, eventualmente se converteriam em explicações para a (má) situação da educação pública naquele país. Facilmente perpetuam-se histórias sobre alunos desinteressados e insolentes e de solitários professores heroicos capazes de superar colegas indiferentes e obstáculos mais diversos em nome da educação de seus alunos. Dessa forma, o pesquisador conclui, reiterando um clima de abandono e incompetência na educação pública, instaura-se a necessidade de uma intervenção, quase sempre concretizada na forma de redução das garantias democráticas e ingresso de empresas privadas nas escolas.

Mais importante que seu diagnóstico crítico é o contraponto oferecido por Barone (2008). O pedagogo afirma que essas narrativas hegemônicas formam senão um simulacro genérico da escola pública, tornando difícil que os reais contornos e potencialidades de cada escola pública contribuam para uma visão menos pejorativa da mesma. A evidência escolhida para corroborar seu posicionamento é o resultado de uma pesquisa anual sobre o índice de satisfação da sociedade com a educação pública nacional (*Public's Attitudes toward the Public Schools*, 2004). Segundo o autor, a pesquisa indica que, ao passo que os índices de aprovação das escolas

¹ Termo cunhado por Scheeirder e Ingram (1997), “degenerative politics” designam manobras políticas utilizadas a fim de ludibriar, confundir e trair a sociedade naqueles que seriam seus interesses.

públicas em geral foi baixíssimo, cerca de 70 por cento dos pais de alunos de escolas públicas conferiram notas A ou B à escola frequentadas por seus filhos ou com as quais tinham algum tipo de relação próxima. A explicação para o paradoxo, então, seria a prova de que têm fundamento as suspeitas de Barone: enquanto a opinião negativa sobre a educação pública em geral é consequência de uma ação massiva no sentido de atribuir baixo valor a esse sistema educacional; os sentidos emergentes a partir de experiências reais com/nessas escolas são profundamente diferentes daqueles que governos e a grande mídia procuram convalidar (idem, ibidem, p. 33). Por isso, partidário de uma pesquisa socialmente comprometida e declaradamente engajada, o pedagogo sugere que a pesquisa educacional faça uso de seu lugar de fala e comprometa-se com uma agenda de divulgação das experiências subjetivas positivas capazes de confrontar os discursos predominantes que se impõem.

Todas essas observações se deram no contexto dos Estados Unidos, onde certamente especificidades socioculturais tornam descabido o estabelecimento de uma relação direta com a realidade brasileira. Contudo, então professor em duas escolas públicas no estado do Rio de Janeiro, não pude deixar de pensar em minha trajetória enquanto lia as considerações de Barone (ibidem). Ainda num esforço de transformar constrangimento em experiência relevante, confesso que jamais havia entrado em uma instituição de ensino pública antes de, em 2010, tornar-me professor em uma delas.

Recém-licenciado em um curso de Letras, há exatos seis anos eu era a própria imagem do professor frustrado. Nunca quis ser engenheiro ou advogado, lecionar em cursos de línguas era um sonho antigo e, admito, única razão pela qual havia escolhido o curso de Letras. Daí a frustração. Ainda enquanto estudante, orgulhosamente me tornei professor em dois grandes cursos de línguas no Rio de Janeiro. O tempo passou, o ingresso no “mercado” transformou amor em estranhamento e, eventualmente, em repulsa. Já formado, a questão era uma só: era aquilo mesmo o que eu queria para mim? Cheio de preconceitos, tudo o que eu sabia a respeito do trabalho docente na educação pública era o que ouvira dizer e, por sua vez, tudo o que ouvira dizer se convertia em uma mensagem muito clara: “Fuja!”. Não fugi. De tão desiludido, decidi que não havia o que perder. E assim,

sem muita nobreza ou furor pedagógico e levado por um medo travestido de coragem, tornei-me professor da rede pública.

Tive sorte de frustrações terem me levado por um caminho tão surpreendente. Ao final de um ano lecionando em uma escola municipal na cidade do Rio de Janeiro, eu finalmente tinha convicção da importância da escola e de meu papel como professor nesse contexto. Estando em uma escola pública, envolvendo-me com seus estudantes e sendo parte da comunidade escolar, vi crescer meu interesse pessoal pela promoção do bem-estar e divulgação dos quase sempre invisíveis sucessos que ocorrem naquela esfera. Esta tese é, sem dúvidas, parte deste projeto. Com isso não quero dizer que seja minha intenção corroborar – ou mesmo refutar – a tese de Barone. No âmbito desta pesquisa, a partir das discussões do autor e de minha experiência relatada, considero importante percebermos que comumente as falas hegemônicas se sobrepõem às vozes locais nos discursos sobre a educação pública.

Diante disso, fazendo uso de aporte teórico-metodológico advindo de diferentes campos, pretendo criar um espaço de apreciação, estudo e divulgação da construção discursiva de uma escola pública do município de Nova Iguaçu (RJ) feita por meus alunos, estudantes dessa escola. É esse um dos principais objetivos deste trabalho. Parto do princípio de que, mais importantes do que entendimentos generalizantes acerca do que é ou deveria ser a educação pública são as compreensões locais dos alunos, diretamente envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem e poucas vezes escutados quando dos momentos de tomada de decisão. Penso ainda que caminhar na direção do compreender a forma como alunos concebem sua escola possa ser um passo importante no sentido de reduzir a incidência de mal-entendidos algumas vezes convertidos em hostilidade. Baseando-me em uma perspectiva socioconstrucionista do discurso (Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2006) e em uma noção humanística de lugar (Augé, 2012; Tuan, 2013), considero que o fato de professores e alunos estarem, quando professores e alunos, em um mesmo espaço físico não garante que estejam, em um mesmo lugar discursivamente construído. Em outras palavras, a escola conforme entendida pelo professor pode não ser a mesma escola conforme entendida pelo aluno. E problemas provavelmente aparecerão se nenhum dos dois estiverem interessados em tentar enxergar a realidade com as lentes do outro. Outro objetivo no âmbito deste trabalho

é problematizar as noções de fato e ficção a partir de discussões estabelecidas principalmente no campo dos estudos do discurso. Questionando os limites fundantes dessa dicotomia, falo em favor de uma pesquisa qualitativa interpretativista não só consciente da impossibilidade da neutralidade, mas capaz de tirar proveito dessa constatação. Dessa maneira, concomitantemente ao estudo da construção discursiva da escola (do lugar-escola), são realizadas discussões sobre os conceitos de identidade, lugar e ficção a fim de evidenciar como sua imbricação pode contribuir para avanços na pesquisa qualitativa. Para isso, a análise encontra-se dividida em três seções contemplando três tipos de dados. A primeira compreende textos de inspiração etnográfica escritos pelos alunos e analisados segundo a noção antropológica de “lugar”; a segunda traz fotografias etnográficas e trechos de conversas com os alunos-fotógrafos com foco em questões identitárias emergentes; por fim, narrativas ficcionais autorais ambientadas na escola são analisadas visando a evidenciar as possíveis contribuições desse tipo de produção imaginativa para a pesquisa qualitativa.

O texto que ora inicio trata-se de uma tese influenciada pelos estilos narrativo e até mesmo ensaístico, sendo o primeiro uma referência a seu aspecto de rememoração e reflexão sobre uma experiência vivida e, o segundo, aos exercícios de reflexão propostos e executados acerca dos conceitos de lugar, fato, ficção e identidade. Dividido em quatro partes principais, o presente trabalho trata-se, por assim dizer, de uma tese-narrativa na qual são personagens interagentes os autores, o pesquisador e os participantes.

Primeiramente, trago uma discussão abrangente durante a qual exponho as bases em que se sustenta esta pesquisa. Procuo inserir o estudo em um quadro teórico-metodológico tratando sua relação com os estudos da linguagem, etnográficos e educacionais. Para isso, abordo ali a perspectiva socioconstrucionista do discurso, além das noções de linguística aplicada, etnografia e pesquisa com base nas artes. Como se observará, todas essas discussões têm seus fundamentos refletidos na concepção e apresentação desta tese.

Em seguida, reservo um capítulo para apresentar e debater *lugar* e *identidade*, dois conceitos sem os quais não seria possível desenvolver esta pesquisa. Ponho em diálogo antropólogos, filósofos e sociólogos a fim de explorar os pontos de diferença e intersecção entre esses conceitos que extrapolam as

fronteiras disciplinares. O objetivo do capítulo é apresentar essas noções conforme as tomo ao longo de reflexões teóricas posteriores e durante todo o processo de análise. Por isso, procuro ir além da exposição de conceitos refletindo, quase em tom ensaístico, a respeito dos temas tratados.

O capítulo que segue é uma apresentação do contexto da pesquisa e da organização dos dados empíricos analisados. Primeiramente, insiro a escola na conjuntura histórica e social de sua criação e narro minha chegada àquele lugar com o objetivo de apresentá-lo conforme compreendido no momento contemporâneo à realização da pesquisa. Ao final da seção, a descrição do “cenário” transforma-se em um laboratório para as discussões anteriores sobre a verdade positivista. Em seguida, anuncio a maneira como organizei os dados e argumento ser essa organização já um processo analítico.

Finalmente, empreendo a análise dos três grupos de dados gerados no processo de pesquisa. Em três seções distintas, exponho, descrevo e interpreto os dados selecionados para compor a pesquisa. Então, os dados são analisados à luz de teorias pós-estruturalistas dos estudos da linguagem, da filosofia e da antropologia, sempre com foco nos objetivos principais da pesquisa. Faço ainda, ao final do capítulo, uma retrospectiva e considerações gerais sobre as observações realizadas.

Convido o leitor para, a partir da próxima página, caminhar por esta tese (-narrativa) resultante do trabalho de quatro anos de intensa vivência e pesquisa. Antes de começarmos, reitero ter com este trabalho duas questões traduzidas na forma de objetivos, quais sejam, investigar a construção discursiva de um lugar-escola no contexto de uma instituição municipal de ensino na cidade de Nova Iguaçu/RJ e discutir os conceitos de lugar, ficção e identidade, buscando pensar sua relação com as práticas na pesquisa qualitativa.